

Letrário**editora*

A Palavra Proibida

Elisabeth Perestrelo

Junho 2008



Desde menina que assim era:

– Lídia, traga-me um refresco.

– Sim, menina.

– Lídia, leve estas cartas ao correio.

– Sim, menina.

– Lídia, traga-me outro café. Este está horrível...

– Sim, menina.

Um dia, a mãezinha da menina morreu.

– Menina, agora que a mãezinha nos deixou que vai ser de mim? A menina quer que fique?

– Sim, Lídia. A Lídia fica. Mas leve os gatos, espante-os daqui. Não sei o que a mãezinha via neles. E se a amiga da mãezinha, a Sr.^a D. Clarinha, cá vier, diga que não estou. E não abra a porta aos pobres que a mãezinha ajudava. Não suporto pobres!

– Sim, menina.

– E, Lídia...

– Sim, menina...

– O seu filho Francisco que acabe com as brincadeiras. Ele que brinque na escola ou na rua. Nesta casa, não. Silêncio, quero silêncio!

– Sim, menina.

Os gatos foram-se. A Sr.^a D. Clarinha não mais apareceu. A campainha emudeceu. O Chico calou a bola, o arco e a voz.

O tempo passou.

No leito de morte, a menina disse:

– Lídia, não me deixe sozinha.

E aí, Lídia ousou a palavra proibida:

– Não, menina, não.

Fim

Elisabeth Perestrelo, nasceu em 1973, em Capelongo, Angola.

Escreve pouco, imagina muito.

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letreiro@letreiro.pt